

Trabalho recebido em:

27/09/2004

Aprovado para publicação em:

05/11/2004

Lemuel Guerra

Doutor em Sociologia. Professor do PPGS da UFPB/UFCG.

E-mail: lenksguerra@yahoo.com

ENTRE O CONTROLE E A INSOLÊNCIA: CATEGORIAS NEUTRAS NA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA

RESUMO

Neste ensaio discutimos algumas das principais características da análise social produzida nos últimos vinte anos, partindo de uma periodização da produção sociológica no Brasil. A idéia central que defendemos aqui é a de que assistimos, desde o último quartel do século passado, a uma notável hegemonização de uma sintaxe e gramática da análise sociológica marcadas pela consensualização em torno de categorias neutras. Argumentamos que esse processo estaria ligado à gradativa institucionalização da Sociologia, à profissionalização dos sociólogos e aos novos contornos do plano de imanência a partir do qual se articula a produção sociológica contemporânea.

Palavras-chave: Sociologia contemporânea; análise sociológica; categorias neutras.

BETWEEN CONTROL AND INSOLENT: THE RISING OF NEUTRAL CATEGORIES IN CONTEMPORARY SOCIOLOGICAL CULTURE.

ABSTRACT

In this essay we discuss some of the main characteristics of social analysis that has been produced in the last twenty years commenting briefly the periods of sociological production in Brazil. The central idea we defend here is that we are watching, since the last quarter of the past century, a remarkable hegemony of a vocabulary and grammar used in sociological analysis, which is marked by a consensus around neutral categories. We argue here that this process would be linked to a gradual institutionalization of Sociology, to the professionalization of sociologists and to new characteristics of the immanence plan from what contemporary sociological production is articulated.

Key words: Contemporary Sociology; sociological analysis; neutral categories.

Há um barateamento da crítica, e uma espécie de “sociologismo enlouquecido” que marca uma certa forma de pensar contemporânea.

Bruno Latour¹

Um dos traços marcantes da cultura sociológica contemporânea é o abandono de abordagens totalizantes, destinadas a produzir grandes sínteses, em favor de estudos de fragmentos gradualmente menores do social², o que corresponde à emergência de um tipo de sociologia que chamamos aqui de *técnica* e à perda de espaço da sociologia crítica. Este ensaio é uma tentativa de comentar essas e outras características, presentes em grande parte da análise social produzida nos últimos vinte anos, partindo de um comentário breve sobre os períodos anteriores dessa produção no Brasil. A idéia central que defendemos aqui é a de que assistimos, desde o último quartel do século passado, a uma notável hegemonização de uma sintaxe e gramática da análise sociológicas marcadas pela consensualização em torno de **categorias neutras**. Esse processo estaria ligado à gradativa institucionalização da sociologia, à profissionalização dos sociólogos e aos novos contornos do plano de imanência a partir do qual se articula a produção sociológica contemporânea.

1. A ANALOGIA COM A DOMESTICAÇÃO DA PSICANÁLISE NOS EUA

Ao desembarcar nos Estados Unidos, em 1909, Freud deixou bem claros os contornos de projeto de psicanálise que viera apresentar, declarando para a imprensa que portava consigo nada mais nada menos do que a “peste”. É claro que os seminários e palestras realizados por ele em solo americano fizeram jus ao anunciado, confirmando o caráter “subversivo” que a teoria psicanalítica tinha em sua formulação original.

O mesmo não pode se dizer do que se seguiu como interpretação e *tradução* norte-americana da teoria freudiana, as psicoterapias de base analítica, e principalmente toda corrente de pensamento que se desenvolveu a partir dos trabalhos de Anna Freud, nas décadas de 1940-1950, denominada de *ego psychology*.

Essa linha de orientação e interpretação da teoria freu-

diana considerava a análise do ego e dos seus mecanismos de defesa como prioridades do trabalho analítico, objetivando um possível reforço egóico que possibilitaria ao indivíduo lidar melhor com seus impulsos e com as frustrações causadas pelo meio externo.

Isso foi considerado por muitos teóricos europeus da psicanálise, dos quais o mais importante é, sem dúvida, Lacan, uma traição ao espírito da proposta de Freud, sendo criticado pelo fato de que ao privilegiar os aspectos adaptativos do ego, seus autores foram se afastando mais e mais dos fundamentos da psicanálise e conferindo a sua prática um caráter quase comportamental, já que sua meta apontava para a adequação do indivíduo aos valores sociais vigentes.

Essa longa referência à psicanálise se justifica pelo fato de pretendermos, neste ensaio, discutir os processos pelos quais, na sociologia contemporânea, à semelhança do que aconteceu com a teoria freudiana nos Estados Unidos, ganha hegemonia, a partir do último quartel do século passado, uma vertente “domesticada” de análise da sociedade.

A reflexão sobre o surgimento e estabelecimento da sociologia enquanto disciplina acadêmica aponta para um embate recorrente entre dois modelos opostos de análise da sociedade: um, ligado ao controle social; outro, mais próximo de iniciativas de questionamento da ordem social.

Dentre as fontes das origens disciplinares da sociologia que alimentam um modelo de prática científica caracterizado pela rebeldia, subversão e crítica, alguns dos mais significativos exemplos são os dados por Marx e seus epígonos, em sua análise exaustiva dos mecanismos de funcionamento da sociedade capitalista, mas podem também, serem encontrados, dentre outros, em Spencer, que em 1863 escreveu sua obra, *A ciência social*, opondo o saber sociológico aos múltiplos preconceitos, ilusões e erros que circulavam no espaço social, os quais os sociólogos teriam como vocação combater; em Saint-Simon, que em 1819 publicou sua *Parábola das abelhas*; por Proudhon, em suas páginas sobre as múltiplas opressões do estado moderno. Em termos contemporâneos, talvez o mais importante representante dessa linha seja Pierre Bourdieu, que define, inclusive, como principal tarefa da sociologia a derrubada dos mitos vigentes nas sociedades analisadas.

¹ Apud Rafael Cariello, in *Revisionismos instantâneos*, publicado no Caderno *Mais*, da Folha de São Paulo do dia 15 de agosto de 2004.

² Conforme Queiroz (1992:404).

No que se refere à sociologia brasileira, vários autores poderiam também ser incluídos nessa lista dos sociólogos insolentes. Citaremos como emblema dessa corrente entre nós os trabalhos de Florestan Fernandes, produzidos com a intenção de questionar a realidade social e o pensamento destinado a interpretá-la; e José de Souza Martins, com sua proposta de análise sociológica realizada com a finalidade de contribuir nos processos de reconquista dos “olhos, do ouvido, da palavra que nos tomaram” (cf. Martins, 2001).

Aqueles, que podem ser considerados precursores da sociologia a ser posteriormente institucionalizada por Durkheim, em Bourdeaux, bem como esses que o precederam no estabelecimento da disciplina, fornecem alguns dos elementos fundamentais da definição do especialista da análise do social como portador da insolência em relação aos diversos arranjos sociais sob os quais se organizam as relações entre os humanos a partir do período histórico denominado de modernidade.

Este ensaio tem como objetivo refletir em torno do *encolhimento* do lugar ocupado pelo que chamamos acima de *insolência* na produção sociológica contemporânea, tomando como variáveis referenciais, por um lado, o conjunto de pressões exercidas pelo ensino universitário, pela concorrência entre centros de pesquisa, pelas políticas de exclusão/inclusão que subjazem às revistas científicas e editoras especializadas, em geral nas ciências sociais e, particularmente em sociologia, bem como pelas entidades governamentais responsáveis pelas decisões a respeito do financiamento da pesquisa sociológica; e por outro, os elementos do que chamaremos aqui, seguindo Deleuze, de novo *plano de imanência*. Para localizar o descenso da sociologia crítica, a insolente, e a ascensão da sociologia técnica, serva do controle, apresentamos a seguir uma breve exposição da fases pelas quais passou essa disciplina no Brasil.

2. LINHAS GERAIS DAS FASES DA PRODUÇÃO SOCIOLOGICA NO BRASIL

A reflexão em torno de uma sociologia da produção sociológica tem produzido, em vários lugares, periodiza-

ções diversas, com os limites característicos de empreitadas dessa natureza. De qualquer forma, para localizar nossa discussão da situação recente consideramos importante apresentar um breve painel dos desdobramentos da Sociologia. Se pensarmos em termos de Brasil, por exemplo, costuma-se dividir a história da constituição da disciplina em quatro períodos específicos, a saber: (1) o pré-sociológico, o da sociologia especulativa, ensaística, literária; (2) o da sociologia científica; (3) o da sociologia crítica. A estes, acrescentamos o que chamaremos de (4) período da sociologia técnica, no qual ascendem e se hegemonomizam as *categorias neutras*. Passamos a fazer uma caracterização breve de cada um desses períodos, seguida de uma discussão mais longa a respeito do último deles.

2.1. O PERÍODO PRÉ-SOCIOLOGICO:

A SOCIOLOGIA ESPECULATIVA, ENSAÍSTICA, LITERÁRIA

Essa etapa, também denominada por alguns de *tempo do autodidatismo*³, estende-se de meados do século XIX até 1920. Nesse período, a sociologia seria considerada um assessorio, um recurso secundário para a interpretação de fenômenos sociais (cf. Fernandes, 1977; Liedke Filho, 1990). O ensaísmo é uma característica marcante da produção desse período (cf. Costa Pinto, 1955:13), no qual as influências do positivismo de Comte, do evolucionismo de Spencer, são sem dúvida, as mais importantes⁴. As temáticas principais desse momento ligavam-se à pesquisa da identidade brasileira.

2.2. O PERÍODO DA SOCIOLOGIA CIENTÍFICA

O início de uma produção sociológica mais institucionalizada e preocupada com o caráter científico tem ligações com dois elementos principais: o primeiro, a institucionalização da sociologia em Escolas Normais brasileiras; o segundo, a fundação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (em 1933) e a criação da Seção de Sociologia e Ciências Políticas da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (em 1934). Desse período se destacam Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos, ambos preocupados com a intensificação da articulação entre ensino e pesquisa sociológica, e expoentes da escola sociológica de São Paulo, que se notabilizou pela preocupação com a responsabilidade das ciências sociais na cons-

³ De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992:387), essa característica também foi encontrada na história da sociologia européia.

⁴ Queiroz (1992:388) destaca alguns desses precursores da sociologia no Brasil, dentre os quais citamos aqui os nomes de Sylvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha.

trução do desenvolvimento nacional. Principalmente o primeiro deles reagiu contra o ensaísmo do período anterior, acusando-o de estar comprometido com o imaginário de uma sociedade senhorial e com uma visão estamental da cultura (conforme Fernandes, 1963:45-6). A produção incluída nesse período de afirmação acadêmica da Sociologia, que vai de 1930 a 1960, se caracterizava pela busca de um estilo científico de exposição, no qual a explicação sistemática, baseada no levantamento exaustivo de bibliografias e em investigações rigorosas, se contraporia à expressão idiossincrática ensaística, realizada segundo o cânone da literatura e não do discurso científico.

A preocupação com a cientificidade da análise sociológica unia-se a uma visão aguda da necessidade de transformar a sociologia num conhecimento ativo, integrado às realidades nas quais era produzido e ao mesmo tempo capaz de manter-se independente em relação às solicitações restritivas exteriores à academia⁵.

É desse período o surgimento de bolsas de pesquisas, de estruturas departamentais, de carreiras de professores e constituição de equipes de pesquisa, cujos resultados seriam avaliados por grupos especiais de pesquisadores. Concebia-se um formato inovador para a realização da pesquisa social científica, para a organização das universidades, marcado pela conexão com as questões sociais e pela emergência de um cientista social profissional, mas em nenhum momento submetido às regras do mercado.

2.3. O PERÍODO DA SOCIOLOGIA CRÍTICA

A conjuntura histórica das décadas de 60 e 70 potencializou uma produção sociológica fortemente influenciada pelo marxismo, constituindo uma corrente de análise sociológica que resultou em amplos debates sobre a questão geral da dependência, os problemas sociais do Brasil contemporâneo, o modelo social excludente, os movimentos sociais rurais e urbanos, o novo movimento sindical, o modelo político autoritário, dentre outros.

Nesse período, em torno da grande maioria dos cursos universitários de sociologia, tanto em nível de graduação quanto da pós-graduação, gravitavam intelectuais militantes. Preponderava uma atmosfera de ligação entre a análise sociológica e os movimentos sociais que questionavam a ordem social dominante, sendo os chamados *estudos estruturais* o centro da produção desse

período que se estende pelo menos até meados da década de 80 do século passado.

2.4. O PERÍODO DA SOCIOLOGIA TÉCNICA

No final dos anos 80, com a crise de experiências de socialismo na União Soviética e no Leste Europeu, perde força a inspiração marxista que animava a produção sociológica crítica, os movimentos de questionamentos dos arranjos sociais capitalistas, e emerge poderosa a orientação para os micro-estudos. Queiroz (1992:403) aponta para uma

... especialização dos pesquisadores, no sentido de se especializarem em fragmentos da realidade: estuda-se a fundo um fragmento do conjunto sócio-econômico e cultural do país, mas a sociedade global, que deveria formar o pano de fundo indispensável para uma compreensão mais ampla, só aparece como um esquema muito sumário, ou até mesmo por meio de simples alusões.

Para Fábio W. Reis (Reis *et alli.*1997:10), a partir da década de 80, predomina na produção sociológica uma tendência descritiva, de cunho jornalístico, historiográfico, etnográfico, relacionada com uma certa despolitização da sociologia que corresponderia à ascensão de uma postura pouco interpretativa, o que criaria um cenário para a volta do estilo ensaístico, artesanal (cf. Elisa Reis *in* Reis *et alli.*1997:19). Essa postura é acompanhada por uma rejeição ao engajamento, por uma preocupação com a definição instrumental de competência analítica, o que justificaria a denominação de sociologia técnica, à produção do atual período, a qual passamos então a discutir mais detalhadamente.

3. A SOCIOLOGIA TÉCNICA E A ASCENSÃO DAS CATEGORIAS NEUTRAS

Uma das principais lições de Marx em sua interlocução com Hegel foi a de que o conhecimento não irrompe completamente formado das cabeças de gênios ou da revelação divina. Nem tampouco existe de maneira abstrata, na mente das pessoas, antes de ser expresso de uma ou de outra forma. O conhecimento é marcado por um conjunto de condições concretas de existência dos responsá-

⁵ De acordo com Fernandes (apud Santos & Gugliano, 1999:149), *Em se tratando da aplicação da perspectiva sociológica à consideração e à manipulação de problemas práticos, o essencial seria submeter-se aos critérios de análise científica, sem nenhuma restrição exterior.*

veis pela sua produção, bem como pela dinâmica própria do que chamamos de realidade. No caso de professores de universidade, por exemplo, ele é produzido através de relações íntimas e tempestuosas com instituições e a partir de regras pré-estabelecidas, necessárias e determinantes da produção intelectual.

Nosso modo de pensar, falar e escrever sociologicamente não pode deixar de ser, de alguma maneira, o resultado de pressões formais e institucionais, dos regimes e contra-regimes de verdade em cujo âmbito nos movemos, os quais moldam o uso das palavras, de metáforas, de estórias, bem como a escolha de tópicos e temas. É claro que nossa rebeldia intermitente também tem jogado um papel significativo neste processo de construção do estilo e da nossa contribuição.

Dentre as instituições principais que dão origem a conjuntos de formas e práticas culturais que determinam a produção do conhecimento em geral e sociológico, em particular, destacamos aqui as universidades, que funcionam como a mais importante mediação de nossas leituras e escrita. Podemos pensar a universidade como um lugar em que o livre pensar é cultivado, sendo protegido das interferências externas à esfera científica, mas ao mesmo tempo como instituições nas quais a produção intelectual é obstruída tanto pelas inúmeras demandas dos estudantes quanto pelos impedimentos originados na esfera da burocracia acadêmica, bem como pelas relações do campo interno de atuação dos docentes com a demanda externa e o conjunto de determinações governamentais e culturais, e ainda pelas instituições responsáveis pelo financiamento das pesquisas.

Partimos aqui de uma visão das universidades enquanto centros complexos de organização social e técnica do trabalho intelectual, em referência aos quais um determinado tipo de conhecimento é moldado. O pensamento nelas gerado é uma dentre outras formas de conhecimento, não sendo este nem completamente transparente nem absoluto: é um produto institucional específico, caracterizado pela sua dependência diária da disciplina, organização, gerenciamento e manutenção do poder que constitui a universidade. A academia nos proporciona a oportunidade de escrever, estabelece as formas dentro das quais devemos escrever, os corpos de literatura aos quais devemos nos remeter, um lugar de onde os textos são produzidos, um público ao qual se dirige nossa escrita. Assim sendo, o desejo de escrever fora dos esquemas acima in-

dicados é, pouco a pouco, tacitamente desencorajado — e quando necessário, explicitamente desautorizado.

A história da institucionalização da sociologia bem como dos sociólogos pode nos dar pistas interessantes para a compreensão da hegemonização da sociologia técnica. O processo de estabelecimento e assimilação acadêmica e tecnoburocrática da disciplina tem se desdobrado numa transformação crucial no que se refere à relação com o tempo, com o presente, com os contextos nos quais emerge a reflexão sociológica.

Passamos de uma conjuntura na qual a teoria e análise sociológica tinham como vetor central a necessidade de responder as questões colocadas pelos problemas emergidos na modernidade, para uma atividade de reflexão sociológica elicitada hegemonicamente pelas demandas governamentais e do mercado, traduzidas pelas pautas de financiamento e apoio tecnoburocrático oferecidos. A gradual constituição e institucionalização dos especialistas na análise da sociedade, da qual é caudatária a figura dos consultores e assessores para assuntos especiais, tem reflexos profundos sobre a produção sociológica contemporânea.

Numa direção contrária ao sugerido por Noberto Bobbio, no seu *Os intelectuais e o poder*, podemos dizer que assistimos ao comprometimento cada vez mais profundo da atividade intelectual dos cientistas sociais em geral e dos sociólogos em particular, com os círculos de dominação e controle social, correspondente ao apagamento progressivo da figura do analista crítico e capaz de produzir uma interpretação do mundo e dos arranjos sociais sob os quais vivemos em termos do questionamento radical do *status quo*. Dentre os principais desdobramentos dessa tendência, destacamos aqui o que chamamos de *ascensão das categorias neutras*.

Nas duas últimas décadas, assistimos à emergência de um conjunto de categorias que se desdobra na disponibilização de um repertório cada vez mais consolidado de práticas discursivas em torno de categorias “limpas”⁶, tais como as de *Comunidade*, de *Conselhos*, *Capital e Tecnologia Social*, *Qualidade de Vida*, *cidadania*, *desenvolvimento local*, *Desenvolvimento Sustentável*, *Desenvolvimento Territorial Sustentável*, *Arranjos Produtivos*, *Manejo de Recursos Comuns* e outros dessa natureza. Essas categorias têm em comum o fato de serem propostas, em grande medida, por entidades governamentais ou supragovernamentais, sendo sua eloqüência e plausibilidade determinadas

⁶ Expressão usada por Fernandes (2000).

significativamente através das pautas de financiamento para pesquisa e outras atividades intelectuais, tais como consultorias, assessorias, cursos de especialização, de Mestrado/Doutorado, publicações. São emblemáticos desse tipo de cooptação teórico-metodológica, que atinge, primeiro, a tecnocracia governamental em seu afã de corresponder às demandas de agências multilaterais de financiamento, e, segundo, os cientistas em geral e os da sociedade em particular, os conceitos de *Desenvolvimento Sustentável* e, mais recentemente, o de *Desenvolvimento Territorial*⁷. Embora pareçam surgir da atividade reflexiva dos analistas, da conjuntura social, são amplamente propostos e disseminados graças à ação de financiadores nacionais e internacionais, os quais transformam em requisito básico para a aprovação de financiamentos para projetos, programas, publicações, viagens para congressos e de outras atividades desempenhadas profissionais da análise social, a inclusão afirmativa das sintaxes e semânticas analíticas que julgam apropriadas⁸. Os cientistas sociais cuidam então de se adequar, correndo como cordeirinhos capitalistas para incluir as *palavras mágicas* definidas em cada conjuntura e garantir o complemento, e em muitos casos a parte mais significativa, de sua renda mensal⁹.

A ascensão das estratégias de estabelecimento do consenso mediadas pela atuação dos cientistas sociais, equivalentes ao que no mundo da política é conhecido como a retórica da Terceira Via, a qual costuma camuflar o fato de que o mundo confronta os políticos com escolhas difíceis — daquelas do tipo que impedem que eles sejam tudo para todas as pessoas — produz o encolhimento de uma prática sociológica capaz de produzir revelações e análises que *chacoalhem* as ficções de ordem dos discursos, dos programas, dos projetos, dos relatórios de pesquisa, das pautas de financiamentos governamentais e privados para a pesquisa. O novo estilo, que denominamos aqui de sociologia técnica, atuando na direção do controle, penaliza o exercício constante do espanto, da suspeita, da atitude pretensamente ingênua e menos compreensiva e dissemi-

nadora das coisas, das concepções protegidas pelo hábito, pelas convenções, pelos interesses de dominação.

A sociologia técnica é, acima de tudo, descritiva e cômoda, similar ao discurso daqueles políticos que ao invés de se posicionar em relação às reivindicações opostas de liberdade individual e de bem estar coletivo, por exemplo, ou entre a eficiência econômica e a justiça social, enfatizam categorias tais como a de “comunidade”, a de “inclusão”, a de “cidadania”, de “solidariedade”, de “capital social”, de “tecnologia social”, as quais apresentam a atraente vantagem de que todo mundo pode facilmente concordar em relação aos aspectos por elas abordados.

O problema desse consenso semi-automático é que ele viabiliza um apagamento tranquilo de questões que normalmente dividem as pessoas — tais como as referentes a que impostos serão eliminados, ou como a assistência médica vai ser prestada aos indivíduos, ou a referente a quanto os professores de escolas públicas em todos os níveis devem receber como salário. Questões dessa natureza não são levadas até as últimas conseqüências porque são suavizadas pela verborragia confortável de uma reflexão sociológica institucionalizada, no pior sentido que isso pode ter, ou seja, o de acomodação e ausência de rebeldia.

A sociologia é, em grande medida, um conjunto de ferramentas simbólicas. Por meio dele podem-se descortinar realidades ocultas, destilando-se o perfil amargo e, ao mesmo tempo, a ternura de homens e mulheres que vivem e tentam entender algo cujo sentido freqüentemente nunca poderão reconstruir integralmente, mas que é palpável como a memória das mãos, mostrando-lhes imagens já vistas, porém a partir de outros ângulos, outras lentes, como se fosse possível dizer: “prestem atenção! O que vocês estão vendo não é tão transparentes quanto vocês pensam. As imagens, o que vemos, tudo é permeado de códigos e nunca são tão simples quanto parecem”.

Nosso ideal de contribuição sociológica é o da conversibilidade mútua entre, de um lado, o cotidiano, o habitual, o definido como consensual e esperado, e do outro, o mun-

⁷ De maneira exemplar, em relação a esses conceitos, que fundamentam políticas públicas já há algum tempo executadas no Brasil, os sociólogos têm desempenhado o papel de *policy makers*.

⁸ Sobre as determinações exercidas pelo financiamento da pesquisa em ciências sociais no Brasil ver Elisa Reis (in REIS, REIS & VELHO, 1997:19).

⁹ Segundo Petras (1996:18-19), “(...) Estruturalmente, os intelectuais da América Latina deixaram de ser intelectuais orgânicos conectados e dependentes dos movimentos populares para se tornarem intelectuais institucionais atados a agências de financiamento e suas prioridades intelectuais. Em seu sentido mais amplo, a ascensão dos intelectuais institucionais e o declínio dos intelectuais orgânicos representam uma contra-revolução cultural, um grande salto para trás (p 18-19). Vide ainda Lehmann (2002), sobre as dificuldades financeiras enfrentadas pelos cientistas sociais no Brasil, as quais os tornam, ao nosso ver, particularmente suscetíveis de submeter-se às exigências dos financiadores da pesquisa científica.

do do não visto, do não ouvido, do não-esperado, do não revelado. No encontro dos homens e mulheres com algo no qual triunfa uma ideologia organizada, uma ordem aparentemente inabalável, poderosos acordos de silêncios e de cooperação, o projeto de sociologia que defendemos tem como finalidade inserir pequenas distâncias, reveladoras da irreducibilidade da vida e das coisas ao que se oferece como superfície sem profundidades, como campo sem enigmas, dobras, mistérios. Pela análise insolente do social, esses distanciamentos intra-objeto a ser revelado permitem a suspensão dos automatismos e improvisações cotidianas, colocando-se sob cheque as corroborações das doutrinas ou dos desfiles das hierarquias sob as quais vivemos.

O projeto de sociologia que defendemos prevê a produção de registros tríplexes dos fenômenos, ao mesmo tempo desenhos abstratos de formas recortadas em luz e sombra; testemunhos das grandes mudanças ou dos grandes impasses e conflitos de um período; o evidenciamento de eventuais distâncias e aproximações, de rupturas e de continuidades entre as manifestações históricas no nível macro e o modo como os indivíduos as vivem e experimentam.

A sociologia produzida nessa tensão entre os contrastes das marcas visíveis da história e o jogo magmático que a perturba e ao mesmo tempo produz e autentica será capaz de enfrentar o desafio de formar um olhar novo, propício tanto a registrar os signos coletivamente relevantes quanto a perscrutar o pequeno acidente que trans-torna sua legibilidade e porta suas possibilidades objetivas de *devenir* histórico. Esse ideal de prática sociológica pressupõe o consórcio entre sensibilidade social, rigor científico e senso estético, exigindo que sejam removidos os objetos de análise — as instituições, as relações sociais, as representações, as identidades, dentre outros — do âmbito da percepção automatizada. O caminho da prática sociológica tem, portanto, duas passagens obrigatórias: a do estranhamento das coisas e a da complexificação do olhar sobre elas. É da capacidade de suspender o automatismo, o hábito, ferramentas da trivialização e da produção da insensibilidade que anula a vida, que deve se alimentar a atividade diária dos sociólogos em todos os tempos e lugares.

Essa proposta de sociologia radical que defendemos em contraposição à da sociologia técnica pressupõe ainda a diluição das tradicionais dicotomias com as quais trabalhou e ainda trabalha a maioria dos cientistas sociais. Alinhando-nos à matriz teórica construída por autores como Bourdieu e Elias, para nós são falsos os debates referen-

tes à superioridade da visão macro ou da micro, à maior cientificidade dos métodos quantitativos em relação aos qualitativos, à preponderância da agência sobre a estrutura ou vice-versa. Graças à atitude maniqueísta que subjaz a todos esses pseudo-enfrentamentos de posições que se pretendem excludentes, abandonamos a salutar leitura do grande livro da história, que nos permitia, por exemplo, ler os acontecimentos da vida coletiva nos gestos dos corpos. Perdemos a própria disponibilidade dessas figuras anônimas que emprestam seu corpo ao olhar espectador do cientista social, o qual, incapaz de reconhecer a oportunidade semântica e analítica que se lhe oferece, pensa consigo que eles “borram”, com sua opacidade, o jogo das significações e das análises sociológicas.

É graças ao prevaletimento dessas falsas oposições excludentes que atualmente conceitos como os de *estrutura*, *classes sociais*, *ideologia*, *dominação*, *realidade*, *verdade*, *evidências*, adquirem um sentido inequivocamente reacionário, enquanto palavras tais como *sonho*, *lágrima*, *desejo*, *discurso*, *cotidiano*, *memória*, são consideradas intrinsecamente revolucionárias e radicais. Será mesmo necessário escolher entre desejo e realidade, entre discurso e verdade, entre sociologia histórico-estrutural e sociologia do cotidiano, ou essa visão que estabelece a exclusividade das alternativas não passa de um sintoma da incapacidade de integrar, de considerar contínuos, muito própria de grupos religiosos fanáticos, os quais dependem quase que unicamente da oposição identitária para se manterem vivos? No lugar dessa servidão às polaridades excludentes, precisamos de um treinamento da atenção para o plano íntimo, mas também para as tomadas gerais, de forma a construir um olhar cuja objetividade seja menos uma observação neutra, desinteressada e mais o cultivo do contato e da tentativa de ter à disposição (para eventuais escolhas) o maior número possível de perspectivas e interpretações.

Nossa proposta de sociologia cujo esboço apresentamos acima esbarra no novo campo de imanência no âmbito do qual trabalhamos, cientistas sociais em geral e particularmente os sociólogos, objeto de comentários da seção que se segue.

4. O PLANO DE IMANÊNCIA DA CULTURA SOCIOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

A cultura sociológica se forma a cada momento como o resultado da ação do que chamaremos aqui de induto-

res da produção sociológica, os quais por sua vez são influenciados pela reflexão sociológica circulante nos variados espaços sociais, podendo ser assim enunciados: (1) os fenômenos sociais (no sentido bachelardiano do vetor semi-epistemológico que vem do real para a mente dos cientistas), com suas dinâmicas magmáticas e suas cintilâncias; (2) as demandas de sociodidécias da dominação; (3) as demandas de sociodidécias da subversão e (4) das demandas institucionais e mercadológicas: financiamentos, publicações, congressos, modas.

Essa cultura sociológica é marcada, portanto, pelo plano de imanência em referência ao qual a prática dos sociólogos se articula, no qual se observam variações concernentes à evolução da institucionalização da sociologia, ao processo de profissionalização dos sociólogos; à variação da determinação exercida pelos indutores da produção sociológica acima mencionados.

O atual plano hegemônico de imanência, um campo em cujo âmbito se produzem, se encontram, se cruzam os conceitos, sendo definido como uma atmosfera, como horizonte e reservatório dos acontecimentos, ainda no sentido deleuziano, poderia ser descrito como fundamentalmente marcado:

- **Pela queda do muro de Berlim e suas implicações em termos da cartografia das utopias e da análise sociológica**

Muito tem sido escrito e dito sobre o significado do fim das experiências de socialismo realizadas na União Soviética e no Leste Europeu para as sociedades em geral e as capitalistas particularmente. Sem querer aprofundar aqui uma análise das novas conjunturas resultantes da hegemonização quase absoluta do imaginário e práticas capitalistas, caberia dizer que no campo das ciências sociais em geral e na sociologia especificamente, observa-se uma absorção sem maiores questionamentos da naturalização do sistema vencedor, o que tem como desdobramento mais notável o descarte do modelo de análise que historicamente mais contribuiu para a construção de uma análise sociológica crítica, o marxismo.

Como conseqüência disso, por um lado temos uma derrota clamorosa das alternativas utópicas socialistas — mesmo que o sucesso cintilante do modelo capitalista aponte para um imenso leque de graves problemas, os quais se associados à outra alternativa poderiam decretar seu fracasso —, talvez fonte mais importante da indução de uma prática sociológica questionadora; e por outro, o

descarte pelo reconhecimento hegemônico de sua obsolescência, de um amplo conjunto de conceitos e categorias tradicionalmente utilizadas para a análise das sociedades em termos críticos, como, por exemplo, os de *alienação*, *ideologia*, *exploração*, *dominação*, *classes sociais*, transformando em dinossauros os que o utilizam e propõem como instrumental analítico. As idéias de *fim da história*, de *fim do social*, de *que tudo é texto*, e outras dessa linha são caudatárias dessa marca do plano de imanência no qual os cientistas sociais são chamados a produzir suas interpretações em termos de micro-análises do social e da danoção da sintaxe estrutural.

- **Pela paixão pelo real**

Enquanto o século XIX marcou a história humana ocidental pela idéia de projeto, de utopias, a herança que recebemos do século XX é uma paixão tão assustadoramente intensa quanto radicalmente conservadora pelo real¹⁰. A idéia de utopia, de algo que ainda não está lá e que somente poderá ser atingido pela ação coordenada de homens que alimentem coletivamente um sonho de *topos*, é substituída em nossos tempos pelo imediatismo cada vez mais fugaz, mais veloz.

De modo paradoxal, assistimos à intensificação de estratégias e mecanismos de fuga do real, pelo menos daquele *mais real*. Quero dizer com isso que observamos, ao mesmo tempo, uma rejeição de projetos, de utopias, pelo fato de que implicariam numa abordagem das coisas em termos do que não é real, mas ao mesmo tempo nos deparamos com um crescimento estonteante de estratégias de investimento libidinal na criação e manipulação de mega-espacos virtuais através das redes mundiais informatizadas, nos quais você pode manipular identidades, definir cenários diferentes daqueles dos quais você circula cotidianamente quando fora da rede, com o charme irresistível de não Ter que responsabilizar-se seriamente por nenhum deles, como acontece nos projetos e utopias *tradicionais*. Essa paixão conservadora pelo real em contraposição ao comprometimento com projetos e utopias alternativas aos atuais arranjos sociais sob os quais existimos enquanto coletividades alimenta o plano de imanência no qual os sociólogos exercem suas interpretações, contribuindo para uma abordagem menos crítica do que aquela mais possível em momentos anteriores.

- **Pela hipertrofia do caráter institucional da sociologia**

A máxima de Sombart, segundo a qual a sociologia

¹⁰ Ver comentário sobre esse ponto em ZIZEC, S. *Bem-vindos ao deserto do Real*.

seria comparável ao *buraco da agulha pelo qual passa o fio da história*, dificilmente pode ser aplicada à atmosfera em que os intelectuais sociólogos têm sido ultimamente convidados a trabalhar, quer seja nas universidades, instituições de pesquisa ou ONGs. A tarefa de dar sentido ao mundo, de funcionar como instância de construção da autoconsciência das coletividades em relação a sua história tem sido amplamente subsumida pelas tarefas institucionais atribuídas aos professores/pesquisadores/consultores sociólogos. As pressões no sentido da desautorização de abordagens críticas, exercida pelos discentes, pelos processos seletivos para a entrada na Academia, os quais atuam freqüentemente como filtros de qualquer rebeldia mais conseqüente, pelas entidades governamentais gerenciadoras dos financiamentos de pesquisa e pelos editores, trabalham no sentido de retirar da análise sociológicas e do *métier* dos sociólogos, os traços que durante muito tempo lhes deram o caráter de revelação e iluminação das ficções de ordem e de equilíbrio social, tão interessantes aos que ocupam, graças à sua plausibilização, posições privilegiadas nas hierarquias estabelecidas entre indivíduos e grupos sociais.

- **Pela crescente profissionalização e a cooptação mercadológica**

A gradativa transformação dos sociólogos em profissionais da análise da sociedade, tem como um dos seus principais desdobramentos a emergência de um tipo de trabalhador intelectual que é reconhecido como capaz de fornecer seus serviços de interpretação, suas técnicas de mobilização social e outras habilidades nas quais são treinados, aos grupos, setores, clientes hábeis para pagar por eles. A idéia de profissional tem subsumido a de intelectual orgânico, transformando os cientistas em geral e especificamente os sociólogos em técnicos da interpretação da sociedade, observando-se cada vez com maior freqüência o surgimento dos caçadores de oportunidades de financiamento de pesquisas, de escritores especializados em produzir artigos e livros sobre temas da moda, que *vendem bem*, que são acolhidos pelo público consumidor da mercadoria *interpretação sociológica* dos fenômenos. Assim, grande parte das categorias neutras mencionadas acima é o produto da hipertrofia da determinação institucional da produção sociológica, bem como da profissionalização dos sociólogos e da intensificação de sua dependência do mercado.

Esse dado do campo de imanência no qual atuamos atualmente aponta para um determinado horizonte de acontecimentos que cria condições para a emergência de uma análise do social muito menos insolente e mais técnica, já que o questionamento e a rebeldia consistente costumam ser pouco desejados pelas demandas do grande mercado de interpretações e explicações dos fenômenos sociais. Uma outra conseqüência dessa hiper-profissionalização dos sociólogos, que precisam *fazer currículo*, precisam *construir redes de articulação*, nas quais fazem circular seus produtos, é a grande dose de ritualismo que encontramos nos debates de grupos de trabalho, nos congressos e eventos congêneres (cf. Elisa Pereira Reis, *in* REIS, REIS & VELHO, 1997).

- **Pelo conformismo generalizado**

Segundo Castoriadis (1992), a história do Ocidente se dividiria em três grandes períodos: o primeiro, o da *emergência (constituição) do Ocidente* (que iria do século XII ao XVII), no qual o *projeto de autonomia individual e coletiva ressurgiu depois de um eclipse de quinze séculos*; o segundo, a *época crítica: autonomia e capitalismo*, que teria iniciado no século XVIII e durado até a Segunda Guerra Mundial, marcado pela radicalização do projeto de autonomia no campo social e político, bem como no intelectual, observando-se o questionamento das formas políticas instituídas, as formas de propriedade, a família, as relações entre os sexos, a educação, o estatuto das faixas etárias. O caráter essencial dessa época encontra-se na oposição e tensão entre a autonomia individual e a expansão do domínio racional, duas fontes de elaboração de interpretações e ações críticas; o terceiro, o da *retração geral no conformismo*, no qual toda a crítica estaria deslocada, ocupando o seu lugar a autoglorificação pela afirmação de que *o sentido é o sem-sentido; seu estilo a falta de estilo* (cf. Castoriadis, 1992:13). Nosso tempo é o da doce indiferença diante de qualquer contestação, dos discursos politicamente corretos do *pluralismo*, do *respeito à diferença*, os quais têm contribuído para a mobilização da energia dos sociólogos para longe da crítica das realidades instituídas. De acordo com Castoriadis (1992:25) *a evanescência do conflito social e político na esfera do "real"*¹¹ *acha a contrapartida apropriada no campo intelectual... com o evanescimento do espírito crítico autêntico.*

¹¹ Ver sobre esse ponto a argumentação de Baudrillard no livro intitulado *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

5. A COOPTAÇÃO CONSERVADORA — A CIÊNCIA COMO LEGITIMAÇÃO

Essa disputa entre a insolência e o controle em relação à produção sociológica é referida por Ianni, comentando a controvérsia metodológica ocorrida no Brasil no período de 1945 a 1974, como a luta entre uma sociologia técnica, que englobaria *as várias modalidades do trabalho sociológico nas quais a descrição e a interpretação tomam os fatos como coisas, numa perspectiva deliberadamente externa*, e uma sociológica crítica, que abordaria ... *os fenômenos em termos de relações, processos, qualidades, significações, configurações históricas, estruturas internas e externas* (Ianni, 1975:77-79).

Neste trabalho, nossa definição de sociologia técnica se relaciona com a identificação de uma produção de sociólogos que atuam como técnicos, no sentido de que manejam um vocabulário, circulam numa sintaxe e gramáticas povoada de categorias e conceitos *limpos, neutros*, o que os torna pretensamente capazes de prestar *serviços* a clientelas as mais diversas possíveis, sem estabelecer com estas laços explícitos de cumplicidade ideológica, política.

Pensando num trabalho de analista social oferecido *profissionalmente* num mercado de bens simbólicos crescentemente competitivo, não é difícil imaginar a serviço de quem os sociólogos trabalharão. É tempo, portanto, de voltar a Bobbio¹², Bourdieu¹³ e Fernandes¹⁴, a tempo de alimentar uma tradição de sociologia como teoria crítica do social, o que pode, inclusive, atuar no sentido de evitar que nos transformemos em atores descartáveis, já que a função apologética dos arranjos sociais propostos já é soberbamente realizada pelos tecnocratas e profissionais da comunicação de massa.

6. REFERÊNCIAS

- BOBBIO, N. 1997. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora da UNESP.
- CASTORIADIS, C. 1992. *O mundo fragmentado: encruzilhadas do labirinto/3*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- COSTA PINTO, L. A. & CARNEIRO, E. 1955. *As ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: CAPES.
- FERNANDES, F. 1963. *A Sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Nacional.
- FERNANDES, F. 1977. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Editora Vozes.
- FERNANDES, M. 2000. *Implicações teóricas e práticas do Desenvolvimento Sustentável: um estudo do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil*. Recife, Tese de Doutorado digitada (Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE).
- IANNI, O. 1975. *Sociologia e sociedade no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa Ômega.
- LEHMANN, David. 2002. "Religion in Contemporary Latin American Social Science", in *Bulletin of Latin American Research*, Vol. 21, No.2, pp. 290-307.
- PETRAS, James. 1995. *Ensaio contra a ordem*. São Paulo, Ed. Scritta.
- PETRAS, James. 1996. "Os intelectuais em retirada". In: COGGIOLA, O. (organizador). *Marxismo Hoje*. São Paulo, Xamã.
- QUEIROZ, M.I.P. de. 1992. "Desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil: Nascimento e expansão", in *Ciência & Trópico*. Vol. 10, No. 20, Jul/Dez.
- REIS, E. P.; REIS, F.W. & VELHO, G. 1997. "As ciências sociais nos últimos 20 anos: três perspectivas". In *RBCS*, Vol. 12, No. 35, Outubro.
- ZIZEK, S. 2003. *Bem-vindos ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo editorial.

¹² In, por exemplo, *Os intelectuais e o Poder*, 1997.

¹³ In, por exemplo, *Homo Academicus, Questões de Sociologia, Contrafogos I e II*, dentre outros.

¹⁴ In, por exemplo, *A sociologia numa era de revolução social*, 1962.